

# A SIMBOLOGIA EM O FLAUTISTA MÁGICO, DE RUBEM ALVES

Ana Ferreira da Silva Carvalho<sup>1</sup>

## RESUMO

Rubem Alves legou importantes produções direcionadas ao público infanto-juvenil, utilizando-se de uma linguagem poética e revitalizando gêneros antigos como o conto de fadas, dialogando com uma tradição que remonta ao período da Idade Média, no qual tem raízes tais textos. Aproveitando-se dessa característica presente em Rubem Alves, este trabalho busca examinar e refletir acerca da simbologia encontrada no conto *O flautista mágico*. Um conto de fadas moderno, mas com elementos dos clássicos. No conto do autor, alguns personagens aparecem possuindo significados simbólicos, como por exemplo, os gigantes, dragões, sol e flauta, estes serão analisados um por um nessa pesquisa. E para tanto, nos valem dos seguintes autores acerca do assunto: Grimal (2013), no que diz respeito à mitologia grega, Airey e O'Connell (2010), quanto ao significado de símbolos, Bulfinch (2006), também sobre mitologia, e Noemí Paz (1995), no que compete ao estudo de ritos de iniciação nos contos de fadas.

**Palavras-chave:** Rubem Alves. Conto de fadas. Simbologia

## ABSTRACT

Rubem Alves was the author of important productions aimed at children and youth, using a poetic language and revitalizing ancient genres such as the fairy tale, dialoguing with a tradition dating back to the Middle Ages, in which such texts have roots. Taking advantage of this characteristic present in Rubem Alves, this work seeks to examine and reflect on the symbology found in the tale *The magic flautist*. A modern fairy tale, but with elements of the classics. In the author's tale some characters appear having symbolic meanings, such as giants, dragons, sun and flute, these will be analyzed one by one in this research. In order to do so, we use the following authors on the subject: Grimal (2013), with regard to Greek mythology, Airey and O'Connell (2010), on the meaning of symbols, Bulfinch (2006), also on mythology, And Noemí Paz (1995), in what concerns the study of initiation rites in fairy tales.

**Keywords:** Rubem Alves. Fairy tale. Symbology.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI e Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade Entre Rios do Piauí-FAERPI. Professora, possui textos no jornal O Piagüí.

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como escopo analisar o simbolismo dos personagens no conto *O flautista mágico*, de Rubem Alves, examinando elementos simbólicos presentes na obra, a citar, Dragão, Gigante, Sol e Flauta, bem como refletir acerca do significado que tais elementos podem assumir dentro da obra e explicar o significado simbólico de cada elemento contido no livro. O simbolismo é um elemento constituinte do conto de fadas, de maneira intencional ou não, em razão disso, o livro em estudo será abordado sob essa perspectiva. O simbolismo é uma característica fundamental nos contos de fadas, inclusive nos modernos, portanto, buscamos com esta pesquisa expor e analisar personagens, elementos da natureza e objetos simbólicos existentes no conto do autor.

Além de escritor, Rubem Azevedo Alves, foi professor, educador, músico, teólogo e psicanalista, dentre outros. Publicou livros sobre filosofia, educação, teologia, psicologia e histórias infantis. É sobre essa última faceta que falaremos, tomando uma de suas histórias voltadas para o público infanto-juvenil. No texto selecionado, o autor se vale de um gênero já consagrado, o conto de fadas, dialogando com uma tradição bastante antiga, caracterizada pelo uso da fantasia e do maravilhoso. Ele se utiliza de personagens carregados de simbolismo. No decorrer do estudo mostraremos tais personagens e seus respectivos significados simbólicos por meio de análises separadas de cada um deles, isto é, em forma de tópicos.

Primeiramente, discorreremos sobre o universo dos contos de fadas, traçando um breve percurso, fazendo referências aos contos clássicos, reformulados por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm, dentre outros, até chegar nos que chamamos modernos<sup>2</sup>, como os do escritor Oscar Wilde e de L. Frank Baum. Feito isso, trataremos dos personagens e de suas possíveis representações simbólicas, pois dividimos em quatro tópicos os elementos a serem estudados. Na sequência falaremos da simbologia dos dragões, depois, da simbologia dos gigantes, em seguida, da simbologia do sol e por último, da simbologia da flauta.

*O flautista mágico* possui elementos típicos de um conto de fadas, que serão referenciados ao longo do trabalho. É a história de um povo que possui um Sol diferente de todos os sóis conhecidos universo afora, pois ele gostava tanto de música que só despertava ao embalo dela. Por essa razão, havia aqueles que tinham como função tocar instrumentos para fazê-lo acordar. Essas pessoas eram chamadas de “acordadores” do Sol. Todas as madrugadas elas subiam no alto de uma colina carregando e tocando diversos instrumentos musicais, pois desse modo garantiam o nascer do Sol. Porém, certo dia, eles esquecem de sair cedo, e o Sol não torna a aparecer no horizonte. Por isso, terríveis coisas passam a acontecer no país dos acordadores do Sol.

---

2 Nos referimos aos autores que não recorreram as compilações, mas preferiram criar seus próprios contos de fadas.

## 2 NO TEMPO DO ERA UMA VEZ...

Originalmente, os contos de fadas não eram direcionados ao público infantil, eram contados para entreter adultos, o que explica o fato de muitas dessas narrativas serem repletas de conteúdos sexuais e grande carga de violência. Além disso, tais contos eram marcados pelo maravilhoso, evidenciado pela presença de criaturas mágicas como fadas, bruxas, duendes e animais encantados. As histórias têm início na tradição oral, antes de serem compiladas, contadas por pessoas menos favorecidas, como servos. Países europeus, a citar França, Alemanha e Inglaterra, procuraram divulgar algumas dessas narrativas fantásticas, as quais muitas ainda hoje são famosas.

Charles Perrault publica o livro *Contos da Mamãe Gansa* em 1697, alguns de seus contos mais famosos são: “Chapeuzinho vermelho”, “O gato de botas”, “O pequeno polegar” e o “Barba azul”. Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, no século XIX, também lançam um volume, intitulado *Contos Infantis e do Lar*. Nas narrativas publicadas por eles estão inclusas dentre outras, as histórias “A bela adormecida” e “A gata borralheira”. Já o dinamarquês Hans Christian Andersen, lança a obra *Contos para Crianças*, datada de 1835. Entre seus contos mais célebres estão “A pequena sereia”, “A menina dos fósforos” e “O soldadinho de chumbo”.

Autores como Oscar Wilde e Lewis Carroll também merecem destaque nesse contexto, já que contribuíram com obras atemporais, o primeiro de maneira mais arraigada aos contos clássicos, com uma série de contos de fada, dentre os quais “O rouxinol e a rosa” e “O gigante egoísta”, ambos cheios de emoção, encontrados no volume *Histórias de fadas*, quanto ao segundo, ficou conhecido sobretudo pela história de *Alice no País das Maravilhas*, obra caracterizada pelo elemento denominado nonsense, cheio de passagens ilógicas e jogos com a linguagem. *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, é visto como um conto moderno, conforme o próprio Baum (2011, p. 09) afirma no texto introdutório: “[...] a história de *O Mágico de Oz* foi escrita puramente para agradar as crianças de hoje. Essa história aspira ser um conto de fadas moderno, no qual o deslumbramento e os pesadelos são deixados de fora”.

O conto maravilhoso ou de Fadas caracteriza-se por apresentar em sua estrutura narrativa a indeterminação do tempo e espaço, já que não aparecem os nomes dos países ou cidades onde ocorrem os acontecimentos. Iniciam-se com fórmulas mágicas como “Era uma vez” ou “Há muitos e muitos anos atrás”. São histórias que remetem a um mundo encantado, tratam de temáticas como o bem contra o mal, a bondade, a verdade, o amor, a beleza física ou espiritual etc. “As personagens que vivem os fatos são inominadas. São identificadas por uma competência interiorizada, pela função que exercem ou por atributos: o rei, o caçador, o lobo, a cinderela” (D’ ONOFRIO, 1995, p. 110).

### 3 A SIMBOLOGIA DOS DRAGÕES

Dependendo do mito, conto ou lenda, o dragão pode ser associado a uma serpente gigantesca. Na mitologia greco-romana temos o mito de “Cadmo-os mirmidões”, no qual aparece o dragão de Marte, descrito como uma serpente. “Dentro da gruta espreitava uma serpente, com uma crista na cabeça e escamas tão brilhantes quanto o ouro” (BULFINCH, 2006, p. 127). Nessa história, a criatura havia devorado os companheiros de Cadmo, este vai até o esconderijo do dragão para vingar a morte dos amigos, matando a terrível criatura, mas Cadmo paga um preço muito alto, pois a serpente/dragão era consagrada a Marte, deus da guerra. Em *O flautista mágico*, o dragão é uma criatura malévola que representa as forças da destruição, assemelhando-se aos dragões do ocidente, que são furiosos e avarentos por natureza, simbolizando também a riqueza e ganância, como veremos nas análises posteriores.

Etimologicamente, a palavra dragão tem origem grega (*drakon*), que significa serpente. Os dragões nos contos e mitos ocidentais costumam ser associados ao poder, riqueza, avareza, ganância e perversidade. Diferentemente dos dragões do oriente, que são seres dóceis, bons, angelicais e ligados à sabedoria, bençãos e fertilidade. “Os dragões orientais são comumente símbolos de qualidades positivas, como a sabedoria e força, considerando que no ocidente o dragão geralmente personifica as forças negativas ou obstáculos a serem superados pelo herói que o está caçando” (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 140). Os dragões são criaturas ligadas tanto aos sentimentos de malevolência quanto de benevolência.

O dragão chinês é uma criatura benevolente e auspiciosa, cujo voo gracioso e habilidades mágicas fazem dele um reverenciado arauto da prosperidade [...] uma criatura que se acredita ser um símbolo de grande poder e prosperidade. Os soberanos da antiguidade até mesmo se associam ao dragão, para demonstrar sua autoridade. (DANIELS, 2016, p. 58)

Os dragões no ocidente têm como uma de suas características expelirem fogo pela boca, geralmente são representados nas cores amarelo (ouro) ou vermelho (sangue), mas ambas as cores simbolizam também o fogo. Já os dragões dos chineses, no oriente, possuem características ligadas à água, “são associados à umidade, à chuva e às nuvens” (DANIELS, 2016, p. 59), ainda conforme Daniels, na cultura chinesa o dragão pode com seu hálito gerar nuvens e com um voo circular gerar tempestades, causando secas ou enchentes, dependendo de seus caprichos. “São guardiões do clima, das estações e até mesmo da passagem do dia e da noite” (DANIEL, 2016, p. 59). Na cultura oriental, como vimos, o dragão representa as forças da natureza. Segundo o teórico supracitado, tais criaturas simbolizam a própria energia que dá equilíbrio às coisas. Os dragões no oriente costumam ser angelicais, belos e sábios. No Japão são construídos templos para eles perto dos rios e dos mares, uma vez que são eles os geradores e controladores das águas.

No continente americano, por exemplo, voltando a falar do ocidente, existem algumas lendas indígenas sobre dragões, para citarmos uma delas, temos a lenda do Piasa, este é um pássaro parecido com um dragão, possuía asas e comia carne. O Piasa habitava uma caverna

perto de um rio, era um bicho muito temido dos Índios Illini. Ele atacava as vítimas quando se aproximavam dele, porém ele é morto a flechadas envenenadas ao sair de seu esconderijo, por um chefe da tribo chamado Quatong. “Alguns dragões das Américas são figuras benevolentes com grandes habilidades e sabedoria para ensinar as pessoas, enquanto outros são forças da destruição” (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 141).

No conto de Rubem Alves, o dragão é malevolente e encarna a destruição. O falso progresso traz mudanças negativas, posto que com a vinda desses seres vêm também as transformações no modo de vida das pessoas, comportamento e costumes. Elas passam a amar tudo que possa ser útil e gerar riqueza, descartando o que não tem “utilidade”. “Não precisamos do sol [...]. Teremos luz elétrica. Eletricidade é boa para comprar e vender. O sol, ao contrário, é inútil. É gratuito. Não custa nada” (ALVES, 2005). O que teria de positivo no progresso, apresentado pelos invasores seria a melhoria da vida dos indivíduos. Todavia, isso não acontece, uma vez que o “progresso” torna as pessoas escravas do trabalho.

É comum a ligação do dragão com o mal. *A Bíblia* traz, no livro do Apocalipse, o dragão vermelho de sete cabeças e dez chifres. Ele aparece como um sinal no céu, e se aproxima de uma mulher tentando devorar um menino que ela carrega em seu ventre. A serpente vermelha quer destruir a criança que vem para governar todas as nações. O dragão aqui simboliza a maldade e destruição. “Na bíblia, o dragão é a serpente como símbolo de oposição a Deus e a seu povo. Representando a essência do mal, o dragão não existe no mundo natural, mas permanece como metáfora para o mal em suas muitas formas” (O’CONNELL; AIREY, 2010 p. 140). De acordo com O’ Connel e Airey, o dragão é uma imagem, uma representação do mal.

O grande dragão (satã/diabo), por exemplo, a serpente antiga que travou uma luta no céu com Miguel e outros anjos, conforme aparece no livro do Apocalipse, é retratado como sedutora do mundo inteiro, porém jogada por Deus na terra com seus anjos malditos. “Em termos psicológicos, uma luta com um dragão é uma batalha interior com a natureza avarenta ou resistência ao desenvolvimento. O dragão pode ser uma enorme barreira psicológica para obter acesso às riquezas do “eu”” (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 140, grifo do autor). Nesse sentido, podemos dizer que os dragões de *O flautista mágico* simbolicamente representam o desenvolvimento, o progresso que se instala no país dos admiradores do sol, mas que travam com seus moradores uma luta, com a resistência demonstrada em relação as transformações ocorridas com sua chegada.

Os dragões, assim como os gigantes que serão estudados mais adiante, privam as pessoas de seus antigos prazeres ligados à natureza, impondo novos valores. Antes elas contemplavam a beleza solar, divertiam-se, alegravam-se e festejavam o nascimento do dia. Tinham tempo de sonhar, gostavam de ouvir música e eram felizes. Entretanto, com a chegada dos “dragões amarelos com pontudas escamas de ouro” (ALVES, 2005), típicos dragões ocidentais que significam ganância, passam a ter gosto pelo trabalho, e a acumularem riquezas. As pessoas vão esquecendo de sonhar e deixam de admirar as belezas naturais.

Nem sequer conversam sobre os seus sonhos de outros tempos (nem quando não havia gigantes ou dragões por perto). Falavam de outras coisas: cadernetas de poupança,

negócios, carros novos, as casas que estavam construindo, as contas que tinham para pagar... E imaginavam que as cadernetas de poupança dos seus filhos seriam maiores que as suas, e nos negócios ganhariam mais dinheiro, e os seus carros seriam mais velozes, suas casas mais modernas. E concluíam: “É, serão muito mais felizes que nós...” (ALVES, 2005)

Nesse conto, os dragões representam a força, simbolizando o poder máximo e riquezas. São a imagem da opressão e do domínio, já que trazem consigo uma série de imposições. Nessa carga negativa, eles assemelham-se aos dragões de Tolkien, nas séries que compõem a saga do *Senhor dos anéis* e *O Hobbit*, neste um dragão poderoso invade as terras dos anões e se apossa de seus tesouros destruindo tudo e causando terror. Na obra em estudo, os dragões também chegam ditando o que deve ou não ser amado, destruindo tudo e trazendo consigo proibições.

#### 4 A SIMBOLOGIA DOS GIGANTES

Na mitologia nórdica os Gigantes têm o papel de adversários dos deuses e inimigos de Asgard. Há várias histórias envolvendo Gigantes do Gelo e da Montanha, como a relatada por Thomas Bulfinch, “Como Thor pagou ao Gigante da Montanha o seu salário”. Nela, um gigante se oferece para edificar uma fortificação para os deuses, ela seria bastante forte para resistir às investidas dos gigantes, em troca ele pede o Sol e a Lua, e não estando satisfeito pede também a deusa Freya. Antes de o gigante concluir sua tarefa os deuses se reúnem e percebem o resultado desastroso do acordo. E tudo arquitetado pelo astucioso Loki.

Quando os deuses estão para cair nas trevas são salvos por esse estratagema. Obrigam Loki a solucionar o problema que ele mesmo havia criado. Nessa narrativa, o gigante receberia, se os deuses tivessem prosseguido com o acordo, três coisas preciosas: o Sol, responsável pela luz, a Lua cujo brilho ilumina as noites e Freya, deusa da cura e do amor. Segundo O’Connell e Airey, (2010, p. 136): “Os gigantes são seres humanoides de tamanho enormes. Eles são relíquias de uma era passada e existiram no começo do mundo ou até mesmo, em algumas tradições, o criaram e podem personificar as forças da natureza”.

Essas criaturas são vistas como seres primitivos dotados de uma força descomunal, chegando a desafiar os deuses. Em algumas culturas, elementos da natureza são associados a gigantes, tendo sua origem neles. Com a derrota do gigante, surgem montanhas, rios etc. O conto de Rubem Alves segue essa linha, os gigantes se transformam em belíssimas árvores frutíferas. A harmonia das coisas retorna a ordem natural, os campos voltam a florir como também voltam a beleza e o sonho nos corações dos acordadores do sol. “E aprenderam que os gigantes e os dragões se derrotam com a Beleza e o Sonho” (ALVES, 2005).

Na mitologia grega temos vários gigantes, como o Polifemo (*Odisseia*). Atlas é outro exemplo, que uma vez punido pelos deuses é obrigado a sustentar o mundo nas costas. Da união de Urano e Geia nascem os Titãs e as Titânidas, além dos Ciclopes, estes recebem nomes que representam “o clarão do relâmpago, a névoa da tempestade e o estampido do trovão”

(GRIMAL, 2013, p. 27). Todos eles, conforme Grimal, são odiados por Urano, que os obriga a permanecerem enterrados. Geia conspira contra o deus na tentativa de libertar os filhos. Juntamente com Cronos planeja algo. Cronos corta os testículos de Urano com uma foice dada pela mãe, o sangue cai sobre a terra e ela por sua vez gera outros monstros e gigantes.

A partir do mito de Urano explica-se o surgimento de muitos outros gigantes dessa mitologia. Há mais histórias sobre gigantes na mitologia grega, de acordo com uma delas esses seres só podiam ser abatidos por golpes de um deus com um mortal. E dessa forma é que se esclarece a morte de gigantes. Na “gigantomaquia”, termo usado para se referir ao combate mitológico dos gigantes contra os deuses, os deuses recorreram a Hércules, pois este era meio mortal, isto é, um semideus.

Os gigantes por sua vez, não eram imortais e só podiam ser mortos pelos golpes de um deus junto com os de um mortal. Eles eram seres enormes, tinham uma força invencível e grande audácia. Possuíam cabeleira e barba hirsutas, e suas pernas eram serpentes (GRIMAL, 2013, p. 33).

No livro *O flautista mágico*, os gigantes carregam os significados negativos que comumente lhes são atribuídos, uma vez que eles aparecem como criaturas maléficas. Uma de suas ações ruins é a proibição do sonho e da música. A chegada dos gigantes traz consigo muitas imposições aos alegres moradores de um país cantante, porque com eles vem o medo, o pensamento utilitarista e a tristeza. A palavra de ordem é trabalho, um trabalho que lhes cansa tanto que não há mais tempo para sonhar. Na verdade, a proibição maior ocorria com a não adoração ao Sol, que simbolicamente despertava e encantava aquele país. Os gigantes no conto de Rubem Alves representam a opressão, a ditadura e a imposição aos antigos moradores.

As criaturas eram assustadoras e barulhentas, “enormes gigantes verdes, com dentes de ferro” (ALVES, 2005). Faziam par com os gigantes verdes celtas na aparência, que segundo a mitologia representavam as forças da natureza. “No folclore europeu, o homem selvagem que vive na floresta é tipicamente cabeludo, com dentes e com chifres” (O’ CONNELL; AIREY, 2010, p. 137). Já os gigantes de Rubem Alves não estão associados a forças da natureza, porém ao desenvolvimento; ao falar emitiam barulhos metálicos de suas bocas. O metal pode ser visto como símbolo do progresso. Enquanto os gigantes clássicos personificam forças da natureza, os de Alves personificam os avanços tecnológicos, como explicita o trecho a seguir:

As pessoas deverão se dedicar a coisas que sejam úteis e práticas, coisas que possam ser transformadas em riqueza. Trabalhar muito, dia e noite para que haja progresso e para que o Sonho não apareça. Quem trabalha duro em coisas práticas não tem tempo para sonhar... (ALVES, 2005)

Com a chegada desses seres a população vai perdendo os sonhos, e o que começava a tomar conta das pessoas era o temor, a escuridão e o frio. Não havia mais beleza a ser admirada nem tempo para sonhar, o tempo delas era preenchido com trabalho, só ambicionavam o que

fosse utilitário. Os gigantes ordenavam o que seria amado: “nós lhes ensinaremos o que se deve amar. [...] A beleza é o inimigo. O seu nome é sonho. Por isto, de hoje em diante, os sonhos estão proibidos” (ALVES, 2005). Nessa perspectiva simbólica, a riqueza e o progresso não trazem às pessoas a felicidade, mas seu avesso. De acordo com o contista, sem a beleza e sem o sonho as pessoas tornavam-se frias e sombrias.

## 5 A SIMBOLOGIA DO SOL

O Sol em todas as culturas é um dos símbolos mais importantes. Para alguns povos ele está associado ao poder, aparecendo como deidades supremas ou manifestando-se em imperadores e reis. O sol é um simbolismo fundamental na astrologia, alquimia e psicologia, pois representa nessas áreas o “eu”; ligado à individualidade, ao desejo e à personalidade. Na mitologia egípcia o sol (Ra) é um deus que tem a missão de ir todas as noites ao submundo enfrentar uma cobra monstruosa cujo nome é Apophis. “Se Apophis alguma vez derrotasse Ra, o sol não nasceria e a terra seria inundada pela escuridão” (CONNELL; AIREY, 2010, p. 119).

Algo similar ocorre no conto de Rubem Alves, pois quando o sol não mais surge o país cai na escuridão. A ausência de sua luz simboliza a morte no íntimo das pessoas. O sol é para todos os seres fonte de luz e calor e de extrema importância para a vida. Em algumas culturas ele é associado ao olho divino, um olho que vê todas as coisas. Segundo os autores citados acima, para o povo Samoano o sol era um dos olhos de Num (céus), sendo ele o olho bom e a lua o olho mau. Já nos mitos dos povos africanos, a deidade suprema Gueno se torna o deus de um só olho, porque ele ao terminar a obra da criação retira um de seus olhos e coloca no céu, transformando o olho em sol. Tendo um olho para ver e o outro para proporcionar luz e calor.

O sol também guarda em si um simbolismo da cor que, por sua vez, pode ser amarela e ligada ao ouro. Ele é um símbolo de poder revigorante. São caracterizados no texto em estudo como amarelos, o dragão e o sol. Quanto aos dragões dourados, eles “ significam a ganância, uma vez que também protegem reservas de tesouros” (GRIMAL, 2013, p. 33). A tonalidade da cor pode determinar seu significado: “Algumas vezes, existe uma distinção entre diferentes tonalidades de amarelo: no Islã, o amarelo dourado simboliza a sabedoria, ao passo que o amarelo claro indica traição” (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 114).

Conforme o exposto acima, o amarelo em uma mesma cultura pode representar coisas negativas ou positivas, dependendo de sua tonalidade. Podemos identificar em *O flautista mágico* dois elementos que são dotados de significados diversos, a saber, o sol e o dragão, ambos de cor amarela, o primeiro representa o bem (positividade) e o segundo, o mal (negatividade). “No Egito e na Europa Medieval, o amarelo era a cor da inveja; também significa desgraça e ainda está associada à covardia”. (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 114-115). O dragão do conto de Rubem Alves simboliza as forças negativas, uma vez que as criaturas se ocupam de destruir o que era apreciado pelos indivíduos daquele lugar.



Já a cor verde, segundo O' Connell e Airey, ainda falando do Antigo Egito, está associada a coisas ruins. Os egípcios tinham medo de gatos que possuíam olhos verdes. Diversos são os significados da cor verde, podendo inclusive está ligada a forças “sobre-humanas”. Para Connell e Airey (2010) o homem Verde Celta tem uma ligação com a vegetação e fertilidade. Diferentemente das crenças dos povos na Europa medieval, nas quais “o verde era associado com o demônio e usar roupas verdes era considerado azar” (O'CONNELL; AIREY, 2010, p. 115). O verde que aparece no conto de Rubem Alves pode ter duas perspectivas, uma, inicialmente negativa (gigante) outra, positiva (árvores). O verde dos gigantes malévolos é transformado em verdes árvores frutíferas, simbolizando um verde-esperança.

Apresentaremos agora mais uma associação positiva com o amarelo. De acordo com Connell e Airey (2010) o princípio solar se associa a animais, pássaros e plantas (leão, águia e girassol) e as cores: amarelo, laranja e o vermelho. O amarelo, por sua vez, traz em si a simbologia do ouro: “Las principales correspondencias del Sol son el oro entre los metales y el amarillo em los colores” (CIRLOT, 1992, p. 417). Ou seja, dos metais o que corresponde ao sol é o ouro. Conforme Connell e Airey (2010), na China tem um mito de criação que descreve o surgimento dos primeiros homens feitos de argila amarela, também associam a cor ao centro do universo e era considerada a cor sagrada do imperador.

O sol é um dos elementos principais no conto de Rubem Alves, pois ele é a força vital do dia, fonte de luz e alegria para os indivíduos que habitam o país. Ele depende dos acordadores e estes dependem dele para o dia amanhecer. Simbolicamente ele representa a claridade em oposição às trevas. Com a proibição da música o sol não mais aparece, logo não havia beleza a ser admirada, “Mas, em compensação – assim diziam os gigantes – havia energia elétrica de sobra. E todos podiam tomar banho de lâmpada, pois de sol é que não havia...” (ALVES, 2005). O pensamento utilitarista tomava conta das pessoas, pois a luz elétrica era prática e útil, podendo ser vendida, ao contrário do sol, cuja luz é natural e de graça.

Sem o sol o país era total escuridão, esta, também se fazia presente dentro das pessoas. O nascimento do sol todos os dias, no conto de fadas, era a representação da vida sobre a morte, da alegria em oposição à tristeza. Ele desaparecia à noite, mas logo no dia seguinte ressurgia. Seus acordadores o despertavam com belas canções, como se fosse um festival ao deus da iluminação, quiçá, divina. Segundo O' Connell e Airey (2010, p. 118-119): “O desaparecimento do sol em cada noite e seu aparente renascimento na manhã seguinte o torna símbolo da morte, da ressurreição e da imortalidade”. Contudo, o sol de Rubem Alves não morre quando seus acordadores deixam de fazer música para ele nascer, fica na verdade, adormecido.

Vale lembrarmos duas coisas que muito são enfatizadas no conto: a beleza e os sonhos, que segundo Rubem Alves, moram dentro das pessoas. O nascimento do sol talvez fosse o ressurgimento de uma luz interior que há muito tempo permanecia apagada nos indivíduos que o sol fazia brilhar. “El oro constituye tambien el elemento esencial del simbolismo del tesoro escondido o difícil de encontrar, imagen de los bienes espirituales y de la iluminacion suprema” (CIRLOT, 1992, p. 344). Seguindo o pensamento de Cirlot, o sol simbolicamente representa um elemento precioso, além dos tesouros que guardamos espiritualmente conosco.

No caso de *O flautista mágico* os bens espirituais seriam a beleza e o sonho, que inicialmente aparecem ligados à alegria das pessoas, mas que logo vão deixando de serem revelados, pois passam a ser proibidos, portanto esses tesouros que ficam escondidos no íntimo de cada indivíduo só conseguem a “iluminação suprema” com o retorno do sol. “O sol nascente geralmente é considerado um símbolo de esperança e novos começos em contraste com o sol raiado que significa iluminação” (O’CONNELL; AIREY, 2010, p. 118). E é com o retorno do sol que termina o conto.

O tema central depreendido do mito que, por sua vez, se relaciona com as celebrações sagradas é o da renovação da vida e do restabelecimento da ordem que triunfa sobre o caos. Tal coisa é simbolizada na luta contra as forças demoníacas. Aqui encontramos já o núcleo básico que, velado no campo simbólico, será encontrado em todas as culturas: a luta entre o bem e o mal. Esse tempo primordial único nos apresentará, nas sucessivas épocas históricas, o Antagonista e o Redentor, seja este último o herói do mito ou do conto, herói tribal ou herói da história sagrada. (PAZ, s/d, p. 23-24)

Conforme Noemí Paz, a luta do bem contra o mal é um tema que aparece em todas as culturas nas mais diversas épocas, seja em histórias sagradas, mitos ou contos. Sempre existirá um antagonista e um herói. Em *O flautista mágico* o sol é a representação de uma força maior. É o deus da beleza e da música, semelhante atribuição é dada ao deus Apolo da mitologia grega, considerado o deus mais belo da mitologia. Assim como Apolo, que luta com um dragão chamado Píton, derrotando-o com uma flecha, faz o sol de Rubem Alves, travando uma luta contra os dragões e os gigantes, e vencendo com o poder da beleza.

Nesse conto é possível notarmos a temática das batalhas entre seres benevolentes e seres malevolentes. Comungando com o pensamento de Noemí Paz, o triunfo do benigno sobre o maligno simboliza o núcleo básico encontrado em todas as histórias de todas as culturas. *O flautista mágico*, por ser um conto de fadas, não poderia deixar de apresentar o encanto e a magia que fazem parte dessas histórias, uma vez que traz em seu contexto um sol com sua luz e beleza radiante, um flautista herói com sua alegre canção, seres divinos capazes de vencer os gigantes e os dragões.

## 6 A SIMBOLOGIA DA FLAUTA

A flauta é um instrumento com várias representações simbólicas, dependendo da região ou época. Na mitologia grega ela é usada pelo deus Pã para encantar ninfas, animais e homens. A beleza de sua música contrasta com a feiura de sua aparência. Em *O Flautista de Hamelin*, ela ganha a mesma função encantatória, pois é utilizada pelo Flautista para hipnotizar os ratos da cidade de Hamelin, espulsando-os de lá. Em Gênesis (*Bíblia*), no capítulo 4, versículo 21 aparece Jubal “pai de todos os tocadores de harpa e flauta” (BÍBLIA, 2002, p. 26). O que podemos notar com isso é que esse instrumento tem agraciado a humanidade desde a sua origem.

A flauta é um instrumento melódico que encanta e enfeitiça a todos os seres. “De um modo geral o som da flauta é considerado sempre como uma música celeste, por vezes dita como *a voz dos anjos*” (GUEDES, 2017, grifo do autor). Corroborando esse pensamento Rubem Alves coloca em *O flautista mágico* um ser possuidor de uma canção celestial capaz de encantar a todos. Como já fora mencionado, as pessoas do país cantante faziam o dia amanhecer sob o embalo da música e com ela vinha a beleza solar e os sonhos, mas com a chegada dos gigantes e dos dragões a música é proibida. Porém, um ser que ninguém consegue explicar a origem exata, toca uma melodia tão bela que desperta todos os acordadores do Sol de suas letargias, quebrando a barreira da proibição.

Com a ajuda de um elemento simbolicamente divino, a flauta, *O flautista mágico* traz a esperança para aquele lugar, restabelecendo assim a ordem inicial do conto. Conforme o pensamento de Noemí Paz, o conto de fadas traz em sua primeira instância “a transgressão de uma proibição; o antagonista traz consigo o mal, a oposição implica a ruptura da harmonia universal; após a realização das provas, [...] no final da história, representa o restabelecimento da ordem” (PAZ, s/d, p. 55). A autora ainda trata da presença de transformações e de uma sequência comum aos contos de fadas:

O conto de fadas nos remete a uma história de transformações através das provas. Desse modo, vemos claramente três sequências: a primeira é negativa (aparecimento do antagonista - agressor); na segunda, o herói faz a intermediação entre o bem e o mal encontra o doador e o auxiliar mágico, que se une a ele por sua virtude (força), e são organizadas as provas sequenciais; a terceira parte é a mediação realizada. O herói transmuta o mal em bem, percorre um caminho, transforma. (PAZ, s/d, p. 58)

No conto de Rubem Alves aparecem essas três sequências. O antagonista é encontrado nas figuras dos invasores/ditadores do país (dragões e gigantes), já o herói que faz a mediação entre o bem e o mal é o flautista, e seu elemento mágico auxiliar é sua própria flauta, utilizada para devolver a harmonia inicial, transformando o mal em bem, pois ele toca uma melodia que transforma os gigantes verdes em mangueiras e pitangueiras, quanto ao dragão dourado, transforma-se em um ipê amarelo. Vejamos abaixo como as pessoas reagem ao ver *O flautista mágico*:

Quando o viram, todos ficaram com muito medo, porque os instrumentos de música haviam sido proibidos, fazia muito tempo. Aquele homem estranho: com certeza era o tal de Sonho, que os gigantes verdes e os dragões amarelos queriam destruir. E trataram de se esconder em suas casas para ver o que iria acontecer (ALVES, 2005).

O protagonista do conto é o herói que surge de forma mágica, descendo das montanhas. “Na mitologia as montanhas, filhas da terra, são consideradas lugares sagrados por sua altura e verticalidade, elas evocam a elevação espiritual, a meta da peregrinação ascensional rumo à divindade” (PAZ, s/d, p. 33). O flautista é um ente sagrado porque também surge das altas

montanhas, representando essa elevação espiritual da qual nos fala Noemí. Magicamente toca uma velha melodia e, como num passe de mágica, vai transformando as coisas para melhor.

As pessoas “começaram a se lembrar das velhas canções esquecidas, os risos ao nascer do sol, a harmonia dos instrumentos...” (ALVES, 2005). Elas são contagiadas pela bravura do flautista mágico e desse modo também vão às ruas se unir a ele para destruir o mal que se instalara em seu país. Como em um festival elas o seguem tocando uma música linda, fazendo muito barulho; cantava quem sabia, improvisava quem não tinha instrumento. Nosso herói é mágico, dotado de poderes, ele surge trazendo a paz àquele povo sofrido e sem sonhos.

Metaforicamente falando, o flautista é encarado como a própria beleza e o sonho que haviam sido adormecidos nos corações das pessoas, pois seu aparecimento e seu desaparecimento são dois fatos misteriosos no conto. “A luz do sol nascente, quente, o envolvia com um brilho estranho, e ele até parecia um ente de outro mundo. E assim desapareceu numa curva. Ficou encantado” (ALVES, 2005). Nesse trecho é possível notarmos o ressurgimento do sol, pois com ele o dia amanhece e a tranquilidade volta a reinar no país. Os sentimentos mais belos retornam aos corações das pessoas, a tristeza é transformada em alegria.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do simbólico é recorrente nos contos de fadas, fato que o faz não passar em branco no conto de Rubem Alves. Ao longo de nossas reflexões deixamos claro a presença desse recurso utilizado pelo autor. *O flautista mágico* é um conto bastante representativo no que diz respeito a significações simbólicas de personagens. Seus elementos: dragões, gigantes, sol e flauta trazem em si representações diversas. Acreditamos que o autor buscou entender esses elementos em seus mais variados aspectos. Do caráter mítico decorre a amplitude das possíveis interpretações da obra. Um dos objetivos que buscamos alcançar com esta pesquisa foi expor o simbolismo presente no livro, além de difundi-lo.

Ao longo de nossas análises refletimos sobre os elementos dotados de simbolismo na obra e suas possíveis significações simbólicas; expomos também o papel que cada um desses elementos desempenha na construção de sentidos da obra. Rubem Alves oferece ao leitor um profundo conhecimento de simbologia. Revela alguns personagens com cargas negativas e positivas, como é caso do dragão, do sol e do gigante. É uma história que inicia harmoniosamente, com as pessoas felizes em um país imaginário, porém como vimos, essa harmonia sofre uma quebra com a chegada dos “monstros invasores”, o que se configura no conflito a ser solucionado pelo flautista mágico.

O flautista é o herói salvador daquele país, possui um objeto mágico auxiliador como nos contos de fadas. Seu surgimento é tão importante no conto que com a chegada dele também surge o sol, este, fonte de luz e libertação, ou seja, restabelecimento de uma ordem, trazendo vida e ressignificação aos substantivos (sonho e beleza) que estavam mortos nos corações humanos. O conto é, como vimos, o triunfo do bem sobre o mal. Um dos temas principais dos

contos de fadas. A obra se assemelha aos antigos contos de finais felizes, nos quais o bem sempre vence prevalece. Cada personagem traz em si uma mensagem diferente e uma função.

O conto traz uma reflexão sobre o comportamento do homem mediante as transformações no mundo. Apresenta algumas situações vivenciadas pelos personagens, mostrando como determinadas escolhas podem trazer coisas boas ou ruins para a vida das pessoas, ensina que a felicidade pode estar na simplicidade da vida e que o sonho é algo precioso que não pode ser esquecido, assim como a beleza do ser e de como o homem reage diante das coisas. Sua ação ou a falta dela repercutem na sua qualidade de vida, fazendo de cada decisão ou escolha um fator determinante.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *O flautista mágico*. 9.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BAUM, L. Frank. *O mágico de Oz*. Tradução de Santiago Nazarian. São Paulo: Barba Negra-Leya, 2011.

BÍBLIA. Tradução de BRAUN S.J., Pe. Alberto et al. São Paulo: Editora Santuário-Edições Loyola, 2002.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Diccionario de Símbolos*. Editorial Labor S.A. Barcelona-España, 1992.

DANIELS, Mark. *A história da mitologia para quem tem pressa*. Tradução de Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

D' ONOFRIO, Salvatore. *Teoria da narrativa: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. Tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre-RS: L & PM, 2013.

GUEDES, Gustavo. <http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=flauta>> Acesso em: 04/01/2017. Às 10:30

O' CONNELL, Mark; AIREY, Raje. *O grande livro dos signos & símbolos*. (Volume II). Tradução de Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2010.

PAZ, Noemí. *Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, s/d.